
ENTREVISTAS/INTERVIEWS

IRINEU FRANCO PERPÉTUO

Irineu Franco Perpétuo é jornalista, natural de São Paulo. Em 2006, já com 12 anos de profissão, começa suas primeiras traduções, sem abandonar seu trabalho como jornalista, crítico e autor de livros teóricos especializado em música erudita, áreas que se cruzarão constantemente em sua vida profissional.

A fluência em tantas línguas, aliada a sua expertise na área da música, fizeram com que se tornasse tradutor de textos jornalísticos em inglês para a *Revista Concerto* e de libretos de ópera do italiano e do alemão para o Teatro Municipal de São Paulo. Já no campo literário, suas traduções são fundamentalmente de textos russos, ora escolhidos por ele, ora solicitados por editoras. Seu mais recente trabalho na área foi a publicação do livro *Memórias de Um Caçador*, de Ivan Turguêniev, editado em 2013 pela Editora 34, sendo essa a 6ª tradução de diferentes autores russos como Púchkin, Maiakóvski, Tchêkhov e Grossman. No caso desse último, o romance *Vida e destino*, publicado pela Editora Alfaguara em 2014, foi indicado ao prêmio Jabuti* de tradução em 2015, e a coletânea *A Estrada* tem sua tradução ainda no prelo, também pela Editora Alfaguara. 1

Andréa Cesco
Universidade Federal de Santa Catarina

Juliana Cristina Faggion Bergmann
Universidade Federal de Santa Catarina

* A divulgação da lista com a indicação ao prêmio Jabuti (2015) foi anunciada durante o processo de editoração desta edição.



ENTREVISTA COM IRINEU FRANCO PERPÉTUO

Cadernos de Tradução (CT): *O que o levou a traduzir, em 2006 e 2007, os dramas Pequenas Tragédias e Boris Godunov, do romancista e poeta russo, Alexandre Púchkin (1799-1837), ambas editadas pela Globo? Como foi essa sua inserção na tradução com uma literatura do século XIX?*

Irineu Franco Perpétuo (IFP): Estreei na tradução com Púchkin devido à minha ligação com a música. 2006 eram os 250 anos de nascimento de Mozart, e eu estava dando cursos a respeito do compositor na *Casa do Saber*, em São Paulo. Ora, o mito de um Salieri invejoso que teria assassinado o gênio de Salzburgo (retomado no século XX e popularizado pelo dramaturgo Peter Shaffer e pelo cineasta Milos Forman) nasceu com “Mozart e Salieri”, uma das “Pequenas Tragédias”, da qual eu tinha feito uma tradução despretensiosa, para uso privado, alguns anos antes. Comentei o fato com uma amiga que trabalhava na Editora Globo, e assim nasceu o projeto das “Pequenas Tragédias”. Satisfeita com o resultado, a Globo me pediu para propor algo em sequência. Propus “Boris Godunov” porque, a exemplo das “Pequenas Tragédias”, estava inédito no Brasil, parecia-me uma sequência lógica (depois de quatro pequenos trechos para teatro, a grande peça teatral de Púchkin) e também porque tem ligação com música, já que deu origem a uma ópera importante de Mússorgski.

(CT): *Como foi traduzir o estilo narrativo de Púchkin, mesclado de drama, romance e sátira? Quais foram os seus maiores desafios como tradutor?*

(IFP): Poeta-fundador da literatura russa, Púchkin é um tremendo desafio estilístico – olhando para trás, quase dez anos depois, acho que fui bem temerário, e não sei se teria coragem de encarar de novo. Minha prioridade era produzir uma tradução que eventualmente pudesse servir de base para encenações dessas peças. Portanto, teria que funcionar cenicamente, funcionar quando lida em voz alta, e não apenas de forma silenciosa. Ao mesmo tempo, seria bom conseguir não negligenciar a carga poética que atravessa tudo que Púchkin escreveu. De resto, como você assinalou aí acima, o teatro de Púchkin – como de resto, de todos esses dramaturgos que, influenciados por Shakespeare, rompiam com o teatro clássico e fundavam o teatro romântico – é marcado por uma mescla de estilos e registros que seria proveitoso tentar fazer aparecer na tradução. E acho que um grande desafio aí era minha própria inexperiência como tradutor, já que estava estreando profissionalmente na área justamente com isso.

(CT): *Em 2009 você traduziu cinco cartas de amor do poeta e dramaturgo Wladimir Maiakóvski (1893-1930), para compor a obra Para Sempre - 50 cartas de amor de todos os tempos. Estas cartas estavam endereçadas a sua paixão, Lili Brik? Elas revelam o talento e a personalidade do poeta que se suicidou em 1930? Qual é o seu valor poético e como foi para você traduzir o gênero epistolar?*

(IFP): Sim, as cartas de Vladímir Maiakóvski que traduzi eram endereçadas a Lilia Brik, e se entrecruzam tanto com sua poética, quanto com sua personalidade. Aqui tentei me aproximar o máximo possível do registro coloquial e conferir a carga de comunicação direta e imediata das cartas, tentando não perder de vista que as cartas eram escritas por um poeta grandiloquente e arrebatado.

(CT): *Ainda em 2009, você traduziu um conto de Tchékhov (1860-1904), A aposta, publicado na obra A alma do vinho – contos*

e poemas com a mais célebre das bebidas (*um total de quarenta textos*). *Você poderia comentar um pouco o efeito estético que o texto provoca no leitor?*

(IFP): Tchékhov é um de meus escritores favoritos. Aqui o desafio maior, do ponto de vista estilístico, como tanto acontece nesse grande poeta em prosa do cotidiano que era Tchékhov, era fazer o simples não soar banal.

(CT): *Você publicou, diretamente do russo, o livro de contos Memórias de Um Caçador, de Ivan Turguêniev (1818-1883), editado em 2013 pela Editora 34. O livro, com quase quinhentas páginas e que retrata com realismo a vida no campo a partir do ponto de vista de um caçador, rendeu ao escritor a inimizade das autoridades que consideravam escandaloso o conteúdo do livro. Você poderia falar um pouco sobre isso e nos contar como foi traduzir esse livro? Que dificuldades você enfrentou?*

(IFP): Esse livro é extremamente importante para a minha carreira, pois marcou minha estreia em uma editora bastante associada à difusão da literatura russa no Brasil, a 34. A ideia foi minha: quis traduzir um livro relevante que ainda estivesse inédito no Brasil. E, do ponto de vista social, as “Memórias de Um Caçador” são um dos livros mais importantes da Rússia no século XIX, que teria até influenciado a abolição da servidão no país. Turguêniev tem uma linguagem poética que não se deve negligenciar mas, ao mesmo tempo, devemos ser atentos ao realismo a que você se refere na pergunta. Suas descrições da fauna e da flora russa são muito precisas, e deu um trabalho considerável achar nomes em português para todas as plantas e animais da Rússia que ele retrata com tamanho carinho e meticulosidade.

(CT): *A sua tradução do romance Vida e Destino, do escritor e jornalista Vassili Grossman (1905-1964), foi publicada pela Editora Alfaguara no ano de 2014. A obra foi censurada durante o período de Nikita Jruschov por ser considerada como antissoviética e só foi publicada nos anos oitenta, na Suíça, após a morte do autor. Fale-nos sobre essa obra e sobre o seu papel nela como tradutor.*

(IFP): Grossman achou que poderia publicar “Vida e Destino” devido ao clima de “degelo”, desestalinização e relativa abertura política da URSS dos tempos de Nikita Khrushov. Só que as autoridades soviéticas, ressabiadas com o exemplo de Boris Pasternak – cujo romance “Doutor Jivago”, com críticas à Revolução Russa, fora publicado no Exterior, rendendo um Prêmio Nobel que Pasternak foi forçado pelo governo de seu país a recusar -, resolveram não permitir que esse constrangimento internacional se repetisse. Assim, em atitude absolutamente inédita, prenderam não o escritor, mas seu romance, confiscando o manuscrito. Em segredo, porém, Grossman manteve cópias de “Vida e Destino” guardadas com amigos. Depois da morte do escritor, em episódio digno de filmes de espionagem, uma cópia foi microfilmada e contrabandeada pelo Ocidente, onde mereceu publicação em 1980. Com a glasnost de Mikhail Gorbatchov, apareceu outra cópia, e finalmente foi possível estabelecer um texto mais completo do romance (a cópia contrabandeada para o Ocidente era obviamente precária). Hoje, “Vida e Destino” é “cult” na Rússia, tendo sido adaptada para o teatro pelo célebre diretor Lev Dódin, e transformada ainda em uma premiada e elogiada minissérie de televisão.

(CT): *A tradução de Vida e Destino, com 920 páginas, foi um desafio de 2 anos de trabalho. Como foi o seu processo de tradução? Quais as maiores dificuldades em fazê-la?*

(IFP): Tratou-se de uma encomenda da Editora Alfaguara, cuja dificuldade eu talvez tenha cometido o crasso erro de subestimar

ao aceitar. Foi um trabalho que demorou muito em “arrancar”: no primeiro ano, por diversos motivos, consegui traduzir muito pouco, e só no segundo o trabalho deslanchou de verdade. Foi um processo extremamente laborioso e sofrido, devido à enorme extensão do texto e ao caráter doloroso da temática. Como dormir direito passando de oito a dez horas por dia imerso no mundo do Holocausto, dos campos de concentração, dos horrores do nazismo e do stalinismo? Se, do ponto de vista da sintaxe, Grossman é um escritor firmemente ancorado na tradição, não apresentando, portanto, desafios, esses se encontram especialmente na parte do vocabulário. “Vida e Destino” coloca em cena militares, camponeses ucranianos, intelectuais, cientistas (o protagonista é um físico que faz uma descoberta decisiva para o desenvolvimento da tecnologia nuclear – e eu jamais me destaquei na área de exatas em meus tempos de colégio), burocratas partidários, operários, místicos religiosos, todos eles usando um vocabulário por vezes bastante específico de suas respectivas áreas. Uma dificuldade adicional foi que, como a II Guerra Mundial foi travada contra a Alemanha, o texto está cheio de nomes, patentes e jargões militares germânicos. O problema – para o tradutor – é que Grossman os coloca de forma russificada, ou seja, no alfabeto cirílico. Eu falo um pouco de alemão mas, para realizar a operação de colocar os termos germânicos em caracteres latinos, foi de grande ajuda a – excelente – tradução alemã do romance. Aliás, para dar uma dimensão da dificuldade do trabalho, essa edição alemã é assinada por nada menos que quatro tradutores...

(CT): *Vida e Destino, indicada ao Prêmio Jabuti de 2015, foi considerada uma das 10 melhores traduções de 2014 no Brasil. Como foi receber esse reconhecimento?*

(IFP): Foi uma surpresa, um susto. Nem sei se é para tanto. Mas, enfim, independentemente dos méritos e deméritos da tradução, a obra de Grossman possui uma relevância inegável, e fico feliz por ela não ter passado em branco, e estar sendo tão lida e comentada.

(CT): *A coletânea de contos A Estrada, também de Vassili Grossman, foi igualmente traduzida por você e está no prelo. Do que se trata? Você poderia nos falar um pouco sobre o estilo literário deste autor, e como você lida com isso na sua tradução?*

(IFP): Trata-se, novamente, de uma encomenda da Alfaguara, reunindo a ficção curta de Grossman. Ele foi correspondente de guerra no front, e esse aspecto jornalístico aparece de forma mais presente nos textos. Está lá, por exemplo, “Inferno em Treblinka”, a primeira reportagem escrita sobre um campo de extermínio nazista – Grossman chegou a Treblinka com o Exército Vermelho em 1944. Gostaria de acreditar que minha própria experiência como jornalista – ainda que bem longe das frentes de batalha - tenha sido de alguma serventia no processo.

(CT): *Você percebe um interesse maior dos leitores brasileiros em relação à literatura russa? A que você creditaria esse interesse?*

(IFP): Ah, para mim sempre foi um enigma a presença da literatura russa na cultura brasileira – completamente desproporcional à minúscula presença de imigrantes da Rússia entre nós. Lendo “Da estepe à caatinga”, de Bruno Gomide, vemos que esse processo começa já na entrada da literatura russa no cenário internacional, em final do século XIX, sendo inicialmente mediado pela influência do gosto francês em nossas terras. Um marco mais recente foi a publicação, pela Editora 34, da tradução de Paulo Bezerra de “Crime e Castigo”, de Dostoiévski, em 2001, consagrando de vez a prática de traduzir os autores russos diretamente do idioma original, sem recorrer mais a traduções indiretas do francês ou do inglês. Esse mercado ainda me parece em franca expansão, devido não apenas à qualidade intrínseca das obras, mas ao próprio papel central da literatura na vida cultural russa. A Rússia é um país no qual as pessoas pagam ingressos para ouvir escritores falarem, no qual as salas de concerto abrigam periodicamente recitais de poesia, onde

mesas redondas de televisão (como as nossas de futebol) debatem obras literárias do passado ou do presente. Assim como acontece no Brasil com a música popular, na Rússia a literatura é a forma principal de expressão cultural.

(CT): Depois de traduzir tantos autores russos, você poderia comparar como foi o processo tradutório de cada um deles? Os desafios foram muito diferentes?

(IFP): Isso varia não só de autor para autor, como de obra para obra. O momento pessoal da gente muda muito, e um livro traduzido fica nos acompanhando durante um bom pedaço de nossas vidas. Um amigo, tradutor do alemão, diz que “tradutor não tem tempo livre”, o que me parece bem verdade. Quando não estamos ocupados com outro trabalho, o livro da vez é que nos empenha. Os desafios são, assim, bastante diferentes no particular e, ao mesmo tempo, bastante parecidos no geral. Já traduzi carta, conto, teatro, romance, século XIX, século XX: a única coisa que nunca me apareceu na frente foi livro fácil de traduzir.

(CT): Qual é a sua postura tradutória perante os elementos estilísticos e estéticos de um autor? Os autores que traduziu acabaram influenciando de algum modo a sua escrita?

(IFP): Bem, a gente tenta identificar o estilo e a estética do autor e reproduzi-los no texto final em português. Eu ficaria bastante feliz se constatasse que os autores que traduzi melhoraram minha escrita – e bastante triste se chegasse à conclusão que, na verdade, a minha escrita, com seus vícios e limitações, se intrometeu entre o estilo deles e o leitor...

(CT): *Você sempre esteve bem ligado à música e às línguas. Além da literatura, você também traduziu libretos de ópera. Como é traduzir esse gênero? Que desafios você enfrenta nesse tipo de tradução?*

(IFP): As traduções de libretos de óperas que fiz foram para textos de programa do Teatro Municipal de São Paulo, com eventual aproveitamento nas legendas que eram projetadas durante os espetáculos. Aqui, portanto, as questões estilísticas ficavam em relativo segundo plano com relação à inteligibilidade. A prioridade era produzir textos que ajudassem o espectador a acompanhar e compreender o que estava se passando no palco – algo que seria diferente caso se tratasse de uma tradução para ser publicada de forma autônoma. Uma legenda não pode ter, por exemplo, notas de rodapé.

(CT): *Atualmente você está trabalhando em alguma tradução? Quais são os seus projetos literários ou de tradução?*

(IFP): Acaba de sair na Rússia uma nova edição crítica do romance “O Mestre e Margarida”, de Bulgákov, na qual estou trabalhando. Um ladrão entrou na minha casa no Carnaval e roubou meu computador com os 14 capítulos iniciais do trabalho. Tive que recomençar do zero, mas, enfim, para citar uma frase do romance que se tornou famosa, “os manuscritos não ardem”.

Recebido em: 07/09/2015

Aceito em: 04/10/2015

ANEXO

Traduções Publicadas

- Grossman, Vassili. *Vida e Destino*. [por: Irineu Franco Perpetuo]. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2014. (Жизнь и судьба). Romance.
- Grossman, Vassili. *A Estrada*. [por: Irineu Franco Perpetuo]. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, no prelo. (Дорога). Contos.
- Turguêniev, Ivan. *Memórias de Um Caçador*. [por: Irineu Franco Perpetuo]. São Paulo: Editora 34, 2013. (Записки Охотника).

Contos

- Tchékhev, Anton. “A Aposta”. [por: Irineu Franco Perpetuo]. in: Tchékhev, Anton. *A alma do vinho – contos e poemas com a mais célebre das bebidas*. Seleção, organização e notas de Walde-
mar Rodrigues Pereira Filho. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009. (Пари). Conto.
- Maiakóvski, Vladimir. *Para Sempre – 50 cartas de amor de todos os tempos*. [cinco cartas traduzidas por: Irineu Franco Perpetuo]. Seleção, organização e notas de Emerson Tin. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009. Cartas.
- Púchkin, Aleksandr S. *Boris Godunov*. [por: Irineu Franco Perpetuo]. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2007. (Борис Годунов).

Drama

- Púchkin, Aleksandr S. *Pequenas Tragédias*. [por: Irineu Franco Perpetuo] Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006. (Маленькие трагедии). Drama.

Obra própria

- Perpetuo, Irineu Franco. *Chopin, o poeta do piano* [Autoria e Narração de Irineu Franco Perpetuo]. São Paulo: Editora Livro Falante, 2012.
- Perpetuo, Irineu Franco. *Alma brasileira: a trajetória de Villa-Lobos*. [Autoria e Narração de Irineu Franco Perpetuo]. São Paulo: Editora Livro Falante, 2010.
- Perpetuo, Irineu Franco. *Ernesto Nazareth*. São Paulo: MEDIA-fashion, 2010. Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira, volume 20.
- Perpetuo, Irineu Franco & Silveira, Sergio Amadeu da (Org.) *O Futuro da Música Depois da Morte do CD*. São Paulo: Momento Editorial, 2009. Disponível para download em <http://www.futurodamusica.com.br>
- Perpetuo, Irineu Franco. *História da Música Clássica*. [Autoria e Narração de Irineu Franco Perpetuo]. São Paulo: Editora Livro Falante, 2008.
- Perpetuo, Irineu Franco. *Cyro Pereira – Maestro*. Secretaria de Estado da Cultura/DBA Editora, 2005.
- Perpetuo, Irineu Franco & Pavan, Alexandre. *Populares & Eruditos*. São Paulo: Editora Invenção, 2001.

Outros trabalhos

- Supervisor da tradução e narrador do audiolivro *História da Ópera*, de Richard Fawkes (Editora Livro Falante, 2013).

- Prefácio à edição brasileira e atualização do livro *Abertura para uma Discoteca*, de Roland de Candé (Editora Escuta, 2000).
- Texto de introdução do livro *São Paulo 2000*, do fotógrafo Gal Oppido (edição São Paulo Imagem Data, 2000).
- Texto Música e Política, incluído no livro *Comunicação na Polis* (Editora Vozes, 2002).
- Texto André Mehmani, incluído no livro *Folha Explica a Música Popular Brasileira Hoje* (Publifolha, 2002).
- Oito textos incluídos no livro *Artes Brasileiras na Folha – 1990-2003* (Publifolha, 2004).
- Artigo sobre música erudita no livro *APCA – 50 anos de Arte Brasileira* (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006).
- Texto Notas Biográficas, no livro *Música contemporânea brasileira: Edmundo Villani-Côrtes* (Centro Cultural São Paulo/Discoteca Oneyda Alvarenga, 2006).
- Orelha do livro *A Invenção da Ópera ou A História de Um Engano Florentino*, de Sergio Casoy (Algol Editora, 2007).
- Consultoria técnica e orelha do livro *Música, Maestro! Do canto gregoriano ao sintetizador*, de Júlio Medaglia (Editora Globo, 2008).
- Quarta capa do livro *Lang Lang – Uma jornada de mil milhas*, de David Ritz (Editora Manole, 2008).
- Texto Os novos “Fitzcarraldos”, no livro *Ópera à brasileira*, organizado por João Luiz Sampaio (Algol Editora, 2009).

- Quarta capa dos livros *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, *Fazes-me Falta*, de Inês Pedrosa, *Exercícios*, de Hilda Hilst, e *47 Contos*, de Juan Carlos Onetti, da Coleção Folha Literatura Ibero-Americana (Publifolha, 2012).

Textos para encartes de CDs e DVDs

a) CDs

- Guilherme Bauer/Harry Crowl – Quartetos de Cordas (Paulus, 1998).
- Sônia Goulart ao Vivo (Golden G, 2001).
- Sonatas, Austrais – Uma Antologia da Obra de Harry Crowl (Copel/UFPR, 2002).
- Lachrimae, de André Mehmari (Cavi Records, 2003).
- Opus Brasil Ensemble (Brasil Meta Cultural, 2006).
- Ana Claudia Brito – Baroque Reflections (Brasil Meta Cultural, 2006).
- Tchaikovsky – Sinfonia n.º 1/Romeu e Julieta – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Biscoito Clássico, 2007).
- Heitor Villa-Lobos: Bachianas Brasileiras n.º 1/4/5/6 – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (BIS Records, 2007).
- Brahms: Sinfonia n.º 1/Abertura Trágica – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Biscoito Clássico, 2008).

- Tchaikovsky: Sinfonia n. 4/Capricho Italiano – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Biscoito Clássico, 2008).
- Brahms: Sinfonia n. 3/Abertura do Festival Acadêmico – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Biscoito Clássico, 2009).

- Villa-Lobos: Um Clássico Popular – Quinteto Villa-Lobos (Kalamata, 2009).

- Juliana d’Agostini – Chopin/Liszt (Hub Entretenimento, 2009).

- Tchaikovsky: Manfred Op. 58 – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Biscoito Clássico, 2010).

- Tchaikovsky: Sinfonia n. 6 – Patética/Abertura 1812 – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Biscoito Clássico, 2010).

- Quarteto de Brasília – 25 anos (Selo Clássicos, 2011).

- Tchaikovsky: Sinfonia n. 5/A Tempestade – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Biscoito Clássico, 2011).

- Poema – Marlos Nobre: Obra Completa para Cello e Piano – Leonardo Altino, violoncelo; Ana Lúcia Altino, piano (Virtuosi, 2011).

- Villa-Lobos: Complete Solo Piano Works, vol. 2 – Marcelo Bratke, piano (Quartz Music, 2011; Biscoito Clássico, 2012).

- Saudades do Brasil – Lithuanian National Symphony Orchestra (Aureus, 2012).

b) DVD

- São Paulo Samba – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (EuroArts, 2009). Texto originalmente escrito em inglês.

Revisão de traduções

- Bulgákov, Mikhail. O Mestre e Margarida. [por: Zoia Prestes]. [revisão de tradução por: Irineu Franco Perpétuo] Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

Nota

1. Informações adaptadas do verbete no *Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (DITRA)*, publicado em 07 de abril de 2014, pelas autoras desta entrevista, Andréa Cesco e Juliana C. Faggion Bergmann. Site pesquisado em 01 agosto de 2015. <<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/IrineuFrancoPerpetuo.htm>> .